

## A CIDADE COMO CENÁRIO DE PREVENÇÃO A CIDADE DE CADA UM – CONVITE PARA UM PASSEIO POR LUGARES E NÃO LUGARES

RAÚL MELO

**RESUMO:** Não há acção que não ocorra num espaço. O mais pequeno pensamento, o simples gesto, o encontro, o drama, o quotidiano social têm um espaço – externo e interno – um cenário que enquadra o que nele se passa. O espaço onde ocorre a acção, é um reservatório de significado que empresta ao actor um sentido que ultrapassa o próprio personagem, ajudando-o a acabar-se como um todo, fomentando a relação com um passado, um presente e um futuro.

Dominar as coordenadas do espaço é aquilo que permite ao actor, em qualquer lugar, saber onde está. É isso que lhe permite não se perder no meio do nada. Ou melhor, é isso que lhe permite achar-se quando se permite perder.

A conquista deste espaço pessoal – e a autonomia de nele se mover – é essencial no processo de consolidação da identidade. A cidade, com a sua história, empresta a quem nela vive uma identidade e um ritmo próprio, fornecendo espaços onde a partilha de percursos resulta no enriquecimento das fantasias e das referências. Mas essa função tem vindo a esvaziar-se à medida que a cidade ganha em funcionalidade e perde em tradição.

Para o interventor em prevenção não basta compreender o significado do comportamento que pretende prevenir mas também as mudanças do cenário onde a sua acção tem lugar.

**Palavras-chave:** Prevenção; Cidade; Identidade.

**RÉSUMÉ:** Il n'y a aucune action, qui ne se déroule pas dans un espace. La plus petite pensée, le simple geste, la rencontre, le drame, le social quotidien ont un espace – extérieur et intérieur – un scénario qui encadre ce qui se passe en lui. L'espace, où se déroule l'action est un réservoir de signification, qui prête l'acteur un sens qui dépasse le propre personnage, l'aidant à se finir comme un tout, encourageant la relation avec un passé, un présent et un futur.

Dominer les coordonnées de l'espace, c'est ce qui permet à l'acteur, quelle que soit la place, de savoir où il est. C'est ça qui lui permet de ne pas se perdre dans le vide. Encore mieux, c'est ça qui lui permet de se trouver, quand il se permet de se perdre.

La conquête de cet espace personnel – et l'autonomie de s'y mouvoir – est indispensable dans le processus de la consolidation de l'identité. La ville, avec son histoire, prête à qui y vit une identité et un rythme propre, donnant des espaces où le partage de parcours aboutisse dans l'enrichissement des fantasies et des références. Mais cette fonction se vide, à la mesure que la ville gagne en fonctionnalité et perd en tradition. Pour l'intervenant en prévention il ne suffit pas de comprendre la signification du comportement qu'il veut prévenir, mais il faut aussi comprendre les changements de scénario, où l'action se déroule.

**Mots-clé:** Prévention; Ville; Identité.

**ABSTRACT:** All actions happen in a space. The slightest thought, the simple gesture, an appointment, the drama, the daily social have a space – external and internal – a setting, that frames what is going on. The space, where action takes place, is a vessel of significance, which borrows the actor a sense that overcomes his own character, helping him to accomplish as a whole, encouraging the relationship with a past, a present and a future.

To control the co-ordinates of the space allows the actor, in any place, to know where he is. Is that, that allows him (her) not to lose himself (herself) in the middle of nowhere. Better, is that, that allows him (her) to find himself (herself), when he (she) allows himself (herself) to get lost.

The conquest of this personal space – and the autonomy to move in there – is essential in the identity consolidation process. The city, with its own story, borrows who lives there, its own rhythm and identity, providing spaces, where the sharing of paths ends in the enrichment of fantasies and references. But this function is becoming empty, as far as the city gains in functionality and loses in tradition.

For the intervener in prevention is not enough to understand the meaning of the behaviour he wants to prevent, but it is also important to understand the setting where the action takes place.

**Key Words:** Prevention; City; Identity.

## 1. INTRODUÇÃO

Não há acção que não ocorra no espaço. O mais pequeno pensamento, o simples gesto, o encontro, o drama, o quotidiano social têm um espaço – externo e interno – um cenário que enquadra, ou pelo menos delimita, o que nele se passa. Esse cenário pode ser minimalista e confundir-se com a definição física do espaço de acção, ou ser rico de simbolismo e estar recheado de pormenores, referências que orientam e emanam da vivência da acção. No primeiro caso, a importância do espaço relativiza-se, confinada a uma funcionalidade ao serviço de um fluxo de informação desinvestida de afectos. No segundo caso o espaço ganha contornos de lugar, o *onde* onde aconteceu história, as estórias que por terem acontecido nesse *onde* conferem a quem o vive, uma identidade que partilha com os outros que também o ocupam. O espaço-lugar, como reservatório de significado, empresta ao actor um sentido que ultrapassa o próprio personagem, ajudando-o a acabar-se como um todo, fomentando a relação com um passado, um presente e um futuro.

Este percurso de vida, feito no tempo e no espaço, acontece em simultâneo a milhões de outros percursos de milhões de outros personagens, todos eles ocupando cenários comuns. A ocupação conjunta condiciona o desenho do cenário, conferindo-lhe formas próprias, energias singulares, uma dinâmica única. E se essa dinâmica se sobrepusesse àquela dos actores? E se se invertesse a razão e os actores se movessem no cenário de modo a justificá-lo, a manter essa energia vital? Como seria a cena? Como seria o drama?

Esta é uma questão para quem vive... em especial para quem vive na *cidade*. Somos o que fazemos ou fazemos para ser? Ocupamos um espaço-lugar ou percorremo-lo sem o ter verdadeiramente, como não-lugares, espaços transitórios ao serviço da circulação, do fluxo de informação e de bens? Preenchemo-lo de relações ou integramo-nos na corrente, escravos do cenário, da *cidade*, apenas mais uma partícula num magma em constante movimento?

Seremos nós espectadores dos percursos de vida que ocorrem no nosso cenário ou alhear-nos-emos dos dramas que nos afastam da economia psíquica de que precisamos para continuar o nosso percurso? Para quem se dedica ao

sofrimento pessoal como campo de intervenção, este assunto reveste-se de extrema importância. Para quem se apaixona pela intervenção preventiva, o cenário que é a *cidade*, ganha contornos de obrigatoriedade no pensar e sentir. Quer vir dar um passeio?

## 2. A CIDADE COMO CENÁRIO – ESPAÇO DE VIDA OU ESPAÇO ONDE ACONTECE VIDA?

O espaço simboliza um conjunto de coordenadas ou de sinais que forma um sistema móvel de relações, a partir de um ponto, de um corpo, de um centro qualquer. Irradia (...) por três eixos de duas direcções: Este-Oeste, Norte-Sul e Zénite-Nádir; ou ainda direita-esquerda, alto-baixo e adiante-atrás; ao que se junta o tempo como medida de movimento (antes, durante e depois) e das velocidades (mais, igual ou menos); Assim, o espaço simboliza, de uma forma geral, o meio (exterior ou interior) em que todo o ser (individual ou colectivo) se move (Jean Chevalier et Alain Gheerbrant, 1982).

As coordenadas são aquilo que nos permite, em qualquer lugar, saber onde estamos, como estamos, por referência a pontos que elegemos para nos guiarmos. É isso que nos permite não nos perdermos no meio do nada. Ou melhor, é isso que nos permite acharmo-nos quando nos permitimos perder. É também isso que nos permite explorar o que ainda não sabemos, a garantia de podermos voltar a domínios conhecidos. É assim que construímos os nossos mapas, explorando a partir do centro que somos nós, para descobrir outros mundos que nos circundam para, deste modo, conquistarmos novos espaços e partirmos para novas explorações.

Esta é a base do processo de separação-individualização, fundamental à formação do psiquismo. A conquista do espaço pessoal – e a autonomia de se mover por ele – é essencial no processo de consolidação da identidade. Essa conquista é iniciada no primeiro ano de vida e continuada no seio da família. Com a adolescência, concomitante ao luto das imagos parentais, emergem do exterior novas referências, que oferecendo a consistência necessária e suficiente, permitem a continuação da construção de si. Essas referências vêm das pessoas que se cruzam connosco nos caminhos que percorremos. Mas a consistência do seu impacto prende-se com os caminhos

em si e como os percorremos, os espaços de intimidade que promovem, o tempo para ver, compreender e integrar. Descobrimo-nos em espelho, nas relações que estabelecemos. Por contraste exploramos as diferenças. Ouvimos as histórias dos outros e os percursos que fizeram, onde os levaram e o que pensaram descobrir. Por comparação, procuramos as semelhanças com eles, alteramos as nossas histórias integrando elementos do que ouvimos, influenciámos e somos influenciados. Mas não deixamos de procurar um lugar.

É com esse sentido que compreendemos as palavras de Ítalo Calvino (1990) quando nos diz que “Todos procuramos a nossa *cidade*. Cada um a encontrará e a partir daí a errância passa a ter uma referência. Há uma comparação... há um desejo de voltar.” O ritmo, o tempo necessário à procura, varia com o indivíduo, com os seus recursos e com o aproveitamento das oportunidades que o acaso proporciona.

“A *cidade* tem que ser conquistada ao medo de sair do seio protector, do ambiente familiar conhecido, vencendo o risco de entrar na fúria e no ruído urbano, superando a frustração de não obter, imediatamente, tudo o que as luzes da cidade podem oferecer.” (Jordi Sebastia, 1995). Este é o desafio de quem cresce... este é também o desafio de quem acompanha o crescimento...

O nosso território, inscrito num canto de terra, ao invés de ser estático, caracteriza-se por uma enorme plasticidade consoante as situações. Na realidade o espaço individual expande-se e encolhe-se dentro de limites bem definidos. Hediger citado por Edward T. Hall (1966/86) na sua obra *A Dimensão Oculta* dá-nos conta de um certo número destas distâncias que entram em jogo nos encontros e desencontros que ocorrem no nosso dia-a-dia. Haveria uma **Distância Pessoal** que seria a distância normalmente observável entre si pelos membros de uma mesma espécie e uma **Distância Social**, para além da qual o indivíduo sente que perde contacto com o seu grupo de referência e começa a desenvolver ansiedade. Mas a ansiedade pode igualmente ser sentida não pela distância mas pela proximidade excessiva. Quando o espaço individual é invadido suportamos temporariamente a proximidade. Se nesse intervalo de tempo a distância não é repostada, o indivíduo define intuitivamente dois níveis de distância a partir das quais desencadeia comportamentos diame-

tralmente opostos: num primeiro limite (**distância de fuga**), o indivíduo desencadeia estratégias de evitamento ou fuga. Se mesmo assim a proximidade continua a aumentar e atingir uma **distância crítica**, o sentimento de ameaça desencadeia comportamentos agressivos de defesa.

O desenvolvimento tecnológico veio trazer profundas mudanças na vivência do espaço. O telefone, a televisão e os emissores portáteis vieram alterar os limites das distâncias pessoais e sociais do homem, permitindo-lhe manter contacto com realidades distantes. O longe passou a ser relativo e a ansiedade pela ausência pôde ser atenuada. As consequências desta mudança recente só agora começam a ser estudadas, mas resulta por demais evidente que a dispersão de investimento – mais espaço – resulta na superficialidade da cobertura – menos tempo – ou no desgaste de constantes opções<sup>(1)</sup>.

Também para a excessiva proximidade o homem descobriu soluções que permitem o alheamento e a evasão ou por efeito de substâncias, por estimulação dos órgãos de sentidos – *headphones*, *gameboys*, etc. – ou pela virtualidade do mundo criado.

Contudo, as soluções encontradas são parciais e não respondem à raiz do conflito, apenas alteram a vivência dessa realidade. O crescendo de agressividade que se observa nos meios urbanos é disso a expressão. Ainda que socialmente pouco aceite, a agressividade é uma componente essencial do comportamento nos vertebrados ao serviço da selecção natural. Todavia, para poder garantir a sobrevivência da espécie, a agressividade deve poder ser regulada. Essa regulação é garantida quer por um conjunto de mecanismos e estratégias mais ou menos conscientes que passam por um código de conduta a que se chama educação, quer pela hierarquização social, quer pelo espaçamento. Quando o espaço se revela reduzido e as carências que lhe estão associadas se perpetuam no tempo, a hierarquização não chega para evitar o confronto observando-se o questionamento da liderança e a falência dos processos educativos.

Este é um contexto para o emergir da fragilidade pessoal na gestão da tensão resultante do conflito pessoal e social entre o instinto e a norma social. A procura de defesas para gerir esta tensão acarreta frequentemente a adopção de comportamentos de evitamento que fragilizam os laços afectivos e conduzem, no colectivo à fragilidade do laço social.

### 3. A HISTÓRIA DA CIDADE – UM SENTIDO EM MUDANÇA OU O Esvaziar do Sentido?

A cidade não foi o primeiro espaço onde o ser humano se agrupou, mas foi aquele em que o passou a fazer de uma forma estável e permanente. O que levou o homem a procurar a proximidade, a assumir um espaço como seu de forma fixa? E será que o que levou as pessoas a construir a cidade terá ainda hoje o mesmo sentido do passado?

Do neolítico à pós modernidade a cidade fez também o seu rumo. Da luta pela sobrevivência a um meio hostil, do evocar a protecção divina até ao domínio tecnológico e científico da natureza e à autonomia face aos ciclos do tempo e aos limites do espaço, o homem foi retratando na cidade as novas necessidades emergentes.

No percurso até à actualidade conjugaram-se na cidade 4 tipos de espaço: **A Terra, o Território, o Mercado e o Saber**. O círculo começou por delimitar o espaço fecundo, o dentro e o fora que vinha ao encontro do desejo de fixação e estabilidade dos povos nómadas primitivos. A domesticação, a arte da conservação davam resposta ao sentido de preservar o que não tinha futuro. A esperança de vida dos povos primitivos era baixa, os recursos eram poucos e guardados como tesoiros, fragilmente confiados à tradição oral. A estabilidade provinha dos processos naturais, dos seus ciclos, a **Terra Mãe** providenciava o que não sendo estável era respeitado como uma força superior, protectora dos que merecem, temida, recheada de mitos e mistérios.

Os rituais evocatórios de protecção consolidam o círculo, a energia conjugada garante a confiança temporária. O ritmo, o calor da proximidade do outro, as substâncias alucinógenas da responsabilidade dos *shamans* eram os ingredientes para concretizar o encontro. A força que emana do grupo, da massa humana, reduz o sentimento de insignificância perante o poder da natureza e do equilíbrio frágil entre a vida e morte.

Do espaço primitivo gerido pelos ciclos naturais, em função do sagrado e do tradicional, o espaço passou a ser construído em torno do poder político, de ordem hierarquizada. A necessidade de garantir a preservação do espaço construído, reforça a diferenciação social entre quem garante a segurança, quem mantém a ligação ao sagrado e todos os outros que providenciam os bens necessários à sobrevivência. A autoridade expressa nas

formas da cidade, mantém o dentro e o fora mas rigidifica em quadrado e posteriormente noutras formas geométricas onde prevalece a ideia de força. A construção procura garantir um maior controlo das forças da natureza. Muralhas, diques, canais hidráulicos procuram consolidar a protecção dos que se reúnem por detrás dos muros da cidade. O planeamento, a manutenção, a construção dão incremento à exploração outros aspectos da natureza, ao desenvolvimento de novas actividades inéditas, ao esboço da industria e de um Estado que a gira. A cidade alarga-se ao espaço-território que a alimenta nas suas necessidades. Os espaços de exploração de minérios, somam-se aos terrenos de exploração agrícola. A cidade cresce dentro mas alarga cada vez mais o domínio do exterior, ao **território**.

A complexidade social emergente traduz também a complexificação urbana que permite a coabitação dinâmica de poderes e diversidades num espaço confinado e denso. A cidade pensada organiza-se dividindo saberes e favorecendo contactos. "A cidade nasce correspondendo à diversificação de actividades das quais ela é ao mesmo tempo causa e consequência" (Paul Blanquart, 1997). Contudo a coesão continua a ser garantida pela legitimação religiosa que promove a combinação entre o poder cósmico, divino e o poder terrestre, a autoridade local. O sentimento de insegurança e fragilidade perante o inexplicável e o incontrolável continua a ser o elemento de ligação entre os homens mas a energia que os liga não é mais a que resulta do encontro ritual em pequena escala, mas de uma nova energia que se auto-alimenta e que resulta da perpetuação de um espaço de coabitação.

Entre espasmos resultantes da ruptura do território-império, protector das suas cidades, ao território contraído que se protege da invasão barbara, a cidade medieval reencontra o seu equilíbrio unificado no primado da fé, de novo em resposta à ameaça externa, agora não tanto de ordem natural, mas do choque de povos na luta por riqueza e poder. A cidade ganha novo folgo e inicia uma nova linha de crescimento. A circulação de pessoas e bens, abre caminho ao florescimento da vida económica. O **mercado** ganha força e a cidade abre-se cada vez mais ao exterior. Os canais de comunicação ganham contornos mais estáveis. As mestrias multiplicam-se com o domínio progressivo de novas artes. A especialização conduz ao agrupamento e à organização corporativa. O **saber** emerge

como uma das áreas de especialização com o surgimento da Universidade. A religião começa a perder o seu papel como elemento aglutinador. A diferença, a diversidade afirma-se quer na actividade quer na construção sem contudo pôr em causa a unidade do todo. A horizontalidade desta organização mantém-se em contraponto à verticalidade da relação com o divino. A construção da catedral ergue-se ainda mais para os céus, em flecha. Mas o espaço divino deixa de poder ser estático sob pena de não tocar o todo diversificado em que o tecido urbano vai crescendo. A *cidade* espiritual sai para a rua em procissão e percorre-a em fluxo, integrando o todo, levando consigo, pelas ruas estreitas quem está. A estreiteza do traçado não dá lugar à contemplação. O habitante deambula, circula entre espaços diferenciados integrando-os num todo que é a cidade. A espiritualidade abre-se ao mundo em contraste com o passado onde o ritual se fecha entre significados marcadamente religiosos dominados por iniciados. O florescimento do saber, a necessidade de circulação para manter a unidade e a integração do diverso abre espaço ao dessacramentar da palavra e do saber. O homem torna-se sujeito.

A busca pela razão e a autonomização do espaço próximo pela acção dos laços comerciais, a emancipação progressiva face à espiritualidade e ao divino marcará a evolução da cidade no sentido da modernidade. Da evolução da mecânica à termodinâmica e à electrónica, as conquistas científicas permitem ao Homem libertar-se progressivamente do corpo. É possível dominar o que se passa cada vez mais longe, cada vez mais depressa. É possível ultrapassar os limites da resistência e da força. É possível viver mais tempo.

Também a *cidade* se soltou dos limites do espaço à medida que o homem se soltou dos limites do seu corpo e procurou dominar mais além, projectando os seus sentidos, controlando mais e mais, dominando o que assustava o homem na sua vulnerabilidade. A quadratura do círculo original deu lugar à confluxificação geométrica voltada à produção. A *cidade* muda constantemente, por implosão/explosão em resposta ao aumento de densidade resultante do afluir de mais pessoas à urbe. Coabita a pobreza e a riqueza, o rural e o industrial. A fortificação outrora protectora torna-se limitativa. A ocupação de novos territórios conduz à anexação de pequenos lugares pelo avançar da cidade.

A racionalidade do espaço conduz à mudança completa do que é o centro aglutinador da construção. A elevação aos céus deixa de ser resultado da fé mas da necessidade de concentração de serviços e pessoas. A importância da circulação como base do sucesso e da eficácia conduz à rede simultaneamente homogénea e fragmentada, eminentemente individual e funcional.

“A população da *cidade* renova-se. Os dialogantes morrem um a um e entretanto nascem os que tomarão lugar, por sua vez, no diálogo (...). A mudança da acção dá-se lentamente no tempo, muito para além do tempo de vida dos seus actores.” (Italo Calvino, 1990). A *cidade* sobrevive ao homem e mais do que dar resposta às suas necessidades, justifica-se no seu funcionamento e pulsar. Quem é escravo de quem? O sonho é condicionado pela cama que o sonhador fez para se deitar. Como seus guardiões, se assim nos quisermos entender, precisamos de não perder de vista esta importante noção. A nossa intervenção ultrapassa o nosso tempo de vida, de resistência, de fé. Deste modo, o percurso de mudança faz-se na história mesmo quando ela perde sentido pelo peso da sobrecarga do contemporâneo. A intervenção presente dá continuidade à passada preparando a futura. Não compete, não compromete, não se substitui. Apenas prepara caminho e tira proveito do caminho preparado, porque o caminho, esse é um contínuo.

#### 4. DA LUPA À GRANDE ANGULAR – DIFERENTES VISÕES DA CIDADE

Nas suas conversas com o Grande Khan, Marco Polo questiona-se sobre as cidades que visitou. Da fantasia de Italo Calvino emergem reflexões de todos os dias. “Da *cidade* podem fazer-se mapas que traçam caminhos de todos os dias. Uns são para aqueles que querem ver o que orgulha os que os desenham, outros para quem quer ver os que eles escondem. Outros ainda traçam caminhos de quem não quer ser visto, subterrâneos, sub-reptícios. O verdadeiro mapa deveria ser feito por camadas, de acordo com o nível que descreve e contemplar ainda o trajecto livre de quem voa por cima dos caminhos determinados por alguém.” (Italo Calvino, 1990).

De facto a *cidade* em que vivemos não é uma mas muitas, de acordo com a visão do seu habitante. É o humor de quem

olha que dá forma à *cidade*. Se passearmos por ela a assobiar de nariz no ar conhecemo-la de baixo para cima, reparando nas aves, nas sacadas, no ondular das roupas e das cobertas. Se caminhamos cabisbaixos de nariz no chão, repararemos nos esgotos, no lixo, no papel velho. Não se pode dizer que um aspecto seja mais verdadeiro do que outro... Fizemos essa experiência num processo de formação<sup>(2)</sup> em que se solicitou aos formandos que se passeassem imaginariamente por uma cidade descrita por um Mestre de Jogo contador de histórias. As palavras ditas foram as mesmas para todos, mas cada um viu uma cidade diferente, reparando e valorizando pormenores que resultavam dos seus filtros pessoais – o estado emocional, as referências do passado, as necessidades, etc. A riqueza da partilha resultante do jogo sublinhou a natureza multifacetada da cidade. No mesmo espaço coabitam muitas espécies de pessoas em realidades sobreponíveis e simultâneas.

Agir em relação ao outro em função de uma visão do espaço que se habita não significa, necessariamente, uma base comum de entendimento com o interlocutor. Basta mudar a geração, o sexo, o estrato social, o andar do prédio que se habita... A percepção do espaço muda. Ver de baixo para cima, ver de cima para baixo, ver com medo de perder, ver com a esperança de ganhar, ver para desafiar, ver para consolidar. Cada visão corresponde a uma forma de estar, que apenas tem em comum o ser sincrónica, isto é, o ocorrer ao mesmo tempo, em paralelo.

Da dispersão de sentidos, da sobreposição da diversidade advém tensão que, mais do que nunca, exigem capacidade de contenção e de negociação, por forma a que a ocupação simultânea do mesmo espaço, segundo diferentes formas de estar, não resulte no desencadear de sentimentos de ameaça e conseqüente hostilidade.

O avanço tecnológico veio trazer ao indivíduo novas formas de gerir este grau de diversidade. Como já referimos, ao desenvolver os canais de comunicação, o homem aproximou-se do que estava longe ultrapassando os limites da presença física. A circulação da informação transmite o sentimento de estar mais perto do mundo, enquanto a consciência que temos dele se expande. Do território definido pelo que a vista abarca, o homem passou a abarcar a totalidade, sabendo em segundos o que se passa a muitas centenas de quilómetros de distância. Mais ainda, sem sair do sítio, o homem controla problemas que se lhe

colocam noutros pontos do planeta. Gere transações, compra, vende, consulta, dá instruções...

Com tudo isto a *cidade* mudou de novo. Com a relativização da distância o lugar tornou-se secundário. Da cidade centralizada e centralizadora, o homem evoluiu para a cidade bairro do mundo, uma cidade reticulada em constante mutação, assente sobre a fluidez das vias de comunicação, libertando-se de um centro e tornando-se um tecido descontínuo onde a noção do dentro e do fora perde sentido. Com a progressiva perda desse centro a *cidade* perde também uma componente importante na sua função referenciadora de quem a habita. Posicionar-se face ao que é uniforme requer uma orientação interior muito bem definida que não está ao alcance de todos, que o diga quem já esteve no deserto, no ártico ou numa floresta tropical.

Mas mais do que a referência física, a *cidade* perde, com o centro, a referência histórica, referência fundamental para o reforço do sentimento de pertença de quem a habita. A função educadora da *cidade* desloca-se da herança histórica para o treino de gestão de oportunidades, competência fundamental para se saber posicionar no fluxo. Deixa de ser importante o que foi, porque a constante mutação do mundo moderno, não garante que o seja por muito tempo. Há que saber tirar proveito do que é, enquanto é e mudar quando houver sinais de que deixará de ser. Com isto, o homem fica mais frágil no seu trabalho de consolidação de uma identidade, no aprofundamento e manutenção de relações significativas.

## 5. A MUDANÇA DO RELEVO – ENTRE LUGARES E NÃO LUGARES

Que conseqüências resultam desta mudança? O homem torna-se claramente um ser mais plástico vocacionado a adaptar-se ao momento e à situação. Mas para o conseguir tem de largar o que dantes lhe dava raízes e estabilidade. Larga a memória do passado, submetido que é a um manancial de informação presente. Larga a relação que se baseia no estar, que obriga a uma sincronia de tempos e lugares para apostar cada vez mais na relação de contacto<sup>(3)</sup> nas *raves*, nos *chats*, nos telemóveis. Está-se com quem está, naquele momento, àquela hora. Liberta-se do corpo que inventamos nas amizades da net, que superamos com recurso a químicos ou que tranquilizamos

quando de tanto o desrespeitar ultrapassamos a capacidade de nos acalmarmos.

Assim o homem perde em volume para ganhar em área, para cobrir mais, cada vez mais, quer falemos de espaço, informação ou até mesmo de vida. David LeBreton (1991) reflectia na sua obra *Passion du risque* como o prolongamento da expectativa de vida, o crescendo de soluções e de seguranças não se traduz numa vida mais intensa e liberta de preocupações. Antes pelo contrário resulta num sentimento de esvaziamento, de dúvida de estar vivo, que encontra respostas provisórias em cada novo risco, como uma prova ordálica.

Sami-Ali (2002), na sua obra sobre o Banal, refere-se a este esvaziamento como uma progressiva substituição da fantasia pelo real, resultante num investimento maciço na adaptabilidade. A funcionalidade ganha lugar ao subjectivo e ao emocional. Preencher de vazio é a base daquilo que este autor denomina como Patologia do Conformismo Social. Na *cidade* isto traduz-se no crescimento progressivo de não lugares, espaços que, nas palavras de Marc Augé (1998), são definidos como transitórios e superficiais, pobres na sua função identitária. São espaços de passagem, idealizados para reunir serviços sem promover a relação, concentração de recursos que poupam tempo e espaço. Uma parte importante do tempo do homem moderno é passado em vias de comunicação, quer no plano espacial quer no plano da informação. O homem domina o espaço através da ciência. Relativiza o tempo com o prolongar da vida e o encurtar dos períodos de espera com base na eficácia, eficiência e rapidez de acesso. Em resultado deste domínio o homem expande-se no plano egóico, vivendo um sentimento maniaco de domínio e controlo do mundo. E quando o indivíduo se confunde com o mundo o espaço perde memória.

Paul Blanquart (1997) relatava no seu livro a História da Cidade, como assistira ao desespero de um professor de geografia, no decurso de uma visita de estudo, esforçando-se para mobilizar os seus estudantes para as características do relevo de uma determinada região quando a exclusividade da atenção deles se centrava no GPS onde a realidade se reduzia a traços, manchas e números. No entender do autor são sinais simples e desapaixonados de um mundo onde as pessoas apenas pretendem não se perder e garantir um referencial por muito externo que seja.

## 6. A REDESCOBERTA DO ENTRETANTO NA COMUNIDADE

É, pois, este o cenário da intervenção preventiva. Uma *cidade* que sobre põe múltiplas realidades, num espaço progressivamente mais funcional e menos relacional. É uma cidade que assenta sobre o fluxo, traduzindo uma realidade altamente mutante face à qual o homem se adapta através de uma economia psíquica que passa pelo primado da realidade em detrimento da fantasia e da projecção. A uniformidade que daqui resulta acarreta uma perda de profundidade e de referências que fragiliza o indivíduo na sua identidade e nos laços sociais que estabelece. A intervenção preventiva, a partir deste ponto de vista, procura desenvolver competências de sobrevivência na *cidade* ou melhor dito, de "sobre-vivência", no sentido de uma melhor vivência do espaço que habita e de todas as interacções que nele ocorrem.

Em resposta à construção de um território pessoal, a intervenção deve trabalhar a co-habitação, no sentido de promover uma reflexão sobre os sentimentos presentes na gestão da proximidade. A exploração deste tema passa pela compreensão dos processos de expansão e contracção que ocorrem quotidianamente nas suas vidas e os diferentes sentires que lhe estão associados. A necessidade de espaço varia de pessoa para pessoa e a consciencialização das características de cada um nesse domínio permite dar sentido a emoções ou a comportamentos que por vezes nos passam despercebidos. Um simples jogo de encurtamento de espaço<sup>(4)</sup> conduz à progressiva sobreposição de territórios e à mobilização das defesas de evitamento do conflito. A boa educação que não permite irritarmo-nos com o vizinho que nos invade o espaço, a descoberta de outras dimensões, como a verticalidade e a espiritualidade são descobertas simples num jogo simples. Por outro lado, a contextualização da agressividade sentida – mesmo que não agida ou expressa – e as estratégias seguidas para não perder o controlo permitem uma visão diferente deste sentimento integrando-o como um factor positivo no regulamento social.

No plano da identidade a intervenção na *cidade* deve permitir a descoberta das raízes do local onde se vive, promovendo a consciência de se fazer parte de uma história comum. Essa compreensão pode ser passiva,

através das estórias de vida locais, ou activa, através de acções com uma maior componente física que envolvam competição, resistência, desafio e animação. Conhecer a história local descontextualizada é como contar um conto cuja realidade não se atinge. Dada a sobrecarga de presente o passado é longínquo e sem sentido. O sentido deve advir do desafio da descoberta. Saber para ganhar é um lema da sociedade moderna e cabe à prevenção moldá-lo e pô-lo ao seu serviço. A história passará a estar ao serviço da realização pessoal e dessa maneira é investida como conhecimento necessário. Contudo, se nos limitarmos ao plano informativo a história mantém um perfil escolástico que produzirá nos jovens a mesma reacção que a escola produz. A intervenção preventiva, promotora de saúde e de acção criativa pode permitir a descoberta da história como uma aventura da qual os jogadores são actores. O formato desta aventura cabe a cada projecto defini-lo, de acordo com a sua experiência anterior e os recursos disponíveis.

Percorrer um espaço conhecido mas investido de novos significados é perceber que as coisas têm leituras múltiplas com graus de profundidade diferentes. Também as pessoas têm facetas diferentes que se revelam em diferentes contextos relacionais. A orientação que o indivíduo descobre no espaço é paralela à descoberta do seu posicionamento no mapa relacional que a sua parcela da cidade alberga.

A intervenção preventiva é por definição sistémica. Mas assumindo a *cidade* como cenário, ela deve permitir a consciencialização de que, no mesmo espaço à mesma hora, diferentes pessoas procuram conjugar diferentes necessidades, ritmos, formas de viver. A consciencialização por parte de adultos e jovens desta realidade é fundamental por forma a evitar erros de centração. Perceber a *cidade* dos outros permite por contraste consolidar a nossa *cidade*. Envolver os outros na nossa *cidade* é enriquecê-la com estórias e experiências. O interventor tem ao seu dispor a possibilidade de mobilizar a experiência de vida dos mais velhos na construção da aventura dos mais novos. Recordo uma intervenção<sup>(5)</sup> onde a produção de um vídeo sobre o bairro mobilizou os mais novos, na recolha de imagens e definição de um guião e integrou os mais velhos nas entrevistas e narrativas. A sua exibição levou à escola mais encarregados de educação do

que alguma vez se havia conseguido em festas ou cerimónias oficiais.

Destas errâncias pelo bairro cruzamos os percursos de vida dos que já se haviam encontrado com os que seguiam em busca do seu lugar. Das suas histórias procurámos retirar o sentido dos seus percursos para, através deles, buscarmos o nosso, encontrar o que há de comum e de singular. Ao interventor comunitário coube o papel de catalisador promovendo os encontros reforçando o equilíbrio entre o ser diferente e o ser igual. Neste passeio por aquela parte da *cidade*, mais do que guiar, ele acompanhou, ouviu do interesse e das motivações, promoveu o encontro entre diferentes caminhos.

Ainda em resposta à *cidade* como cenário, o interventor confronta-se com a banalização dos processos, a superficialidade relacional, o medo do outro. A possibilidade de reunir um grupo de jovens em torno de uma experiência comum e promover uma conversa simples é um ponto de partida para a expressão, a partilha e o respeito. A exploração conjunta de caminhos não se faz apenas com o objectivo do ponto de chegada. Nem todas as tarefas valem pelo produto final. Tal como na descoberta da *cidade* o indivíduo têm de se permitir perder para se poder encontrar, também nas acções de uma intervenção preventiva o processo vale tanto como o resultado final. Por vezes um bom insucesso alimenta a melhor das reflexões. Também uma direcção mal tomada revela inúmeros recantos e lugares nunca antes explorados. O jogo, a acção, o risco são frequentemente abordagens que captam a atenção dos jovens. Utilizá-las como factores de crescimento depende da capacidade de associar a reflexão e a partilha às actividades. Uma acção estimulante não elaborada e integrada é apenas mais uma forma de consumo adernégico. É a noção do medo, da pressão dos outros, da capacidade de se superar, dos limites de superação que permitem ao jovem tirar proveito da experiência. Sobretudo é a possibilidade de o fazer no seio de um grupo e de com ele partilhar as forças e fraquezas que faz destas abordagens uma linha fundamental de intervenção.

Ao interventor não lhe cabe ter soluções, saber das direcções que os outros devem tomar. A sua acção passa mais pelo desafio, o ouvir, o fazer circular a comunicação perguntando aos outros se também foi assim ou se com ele

foi diferente. O papel do interventor passa mais pelo que não diz do que pelo que sabe.

LeBreton (1997) fala da urgência da redescoberta do silêncio, enquanto o espaço para ouvir e preencher o que ficou por dizer. Face ao esvaziamento da comunicação e às relações de contacto<sup>(6)</sup> a que nos referimos anteriormente, é fundamental reabilitar a palavra e trabalhá-la no contexto da relação de partilha. Para isso o próprio interventor deverá garantir essa máxima evitando cair numa postura de tudo saber para tudo dizer. Fazê-lo traduz-se, necessariamente, na própria banalização do processo preventivo e consequentemente a perda de espaço no interventor para se surpreender com quem trabalha e não conseguir ir mais longe do que entrar num processo de influência que, ao limite, fomenta a uniformidade e a passividade.

Finalmente, um último olhar ao lugar do interventor na *cidade*, passa por equacionar o seu posicionamento na intervenção. Frequentemente imaginamos o papel do interventor – ou da instituição que ele representa – como o centro de uma dinâmica que se desenvolve em seu redor. Pela sua presença e pela sua iniciativa um conjunto de acções ganham sentido. Mesmo assumindo um modelo não directivo de desenvolvimento de competências, o lugar assim definido, peca pela verticalidade. O interventor assume-se como externo ao sistema cuja mudança ele promove. O seu poder é outorgado pela necessidade dos outros.

Alguns autores têm desenvolvido a importância dos processos de entreajuda no domínio da prevenção. Esta linha de abordagem da prática preventiva assenta sobre a noção de que a comunidade é detentora das competências necessárias ao desenvolvimento do processo de mudança. Deste modo, o interventor, mais do que desencadear um conjunto de acções direccionadas à construção do que está em falta, assume uma função de explorar os recursos existentes, valorizá-los e potencializá-los para a partir deles promover a mudança. Reconhecidas as capacidades pode-se assumir-se as carências para as quais, interventor e comunidade poderão procurar resposta. O desenvolvimento das acções passa pela consolidação dos saberes dos residentes já que são eles quem melhor conhece a sua realidade e melhor têm a noção do que funciona. A interacção ganha em horizontalidade e a comunicação torna-se multidireccional. A comunidade chama a si própria o seu crescimento. O seu protagonismo traduz-se num senti-

mento de autonomia crescente, criativo e responsabilizante. O interventor decresce de poder em termos de centralidade no processo mas ganha em profundidade e consistência dos processos desencadeados. A sua iniciativa deve ser guiada por princípios de equilíbrio entre ajudar<sup>(7)</sup> e fazer-se ajudar na ajuda a prestar.

Martine Bovay (1998) fala-nos da importância de uma atitude preventiva que se assume como uma ajuda entre ajudas, isto é, como intervenções que promovem ligações entre pessoas. Nesta perspectiva, a intervenção preventiva promoveria a ponte entre pessoas. Mas esta leitura pode e deve ser feita também em relação às comunidades. A intervenção preventiva, comunitária ou de promoção da saúde deve visar ainda o estabelecer pontes entre diferentes realidades. A *cidade* não é um somatório de bairros.

O desenvolvimento de projectos-ilhas, em comunidades carenciadas, por muito que garanta o crescimento local, não reforça o processo de consolidação do tecido social. A identidade de alguém cria-se em espelho, pelo reconhecimento que o outro faz da sua mudança e crescimento. Do mesmo modo, o crescimento da comunidade, a sua abertura e maturação precisa ser validada na relação com outras comunidades. Deste modo o interventor não se pode limitar ao bom trabalho que desenvolve no seio da sua pequena área de intervenção, mas garantir as pontes que o liguem a outros núcleos que se desenvolvem na proximidade. Há um espaço a ser preenchido entre o tanto que é feito em cada lugar. Tal como o silêncio que fica entre as palavras este espaço é fundamental para acontecer o encontro de fantasias que conduzam à descoberta de um universo em comum.

Italo Calvino traduzia de uma forma sublime a simplicidade deste processo: "Uma ponte é descrita pedra por pedra. Afinal qual é a pedra que a sustem? A ponte não é sustida por uma pedra mas pelo arco que elas formam. Então porque se fala das pedras quando é o arco que importa. Porque sem pedras não há arco."

A *cidade* começou por ser uma ilha num mar de medos. Hoje é um mar de ilhas. As pontes que as ligam fazêmo-las nós, cada dia, com as pedras que todos somos. Assim é na *cidade*, cenário das nossas vidas.

## Contacto

Raúl Melo

Assistente Principal da Carreira de Técnico Superior de Saúde  
– Ramo de Psicologia Clínica.

Assessor do vogal da direcção para a prevenção do Instituto  
da Droga e Toxicoddependência

Av. João Crisóstomo, 14 , 1000-179 Lisboa

## NOTAS

(1) Jacques Limoges, no seu livro *S'entraider* descreve 5 equilíbrios fundamentais no processo de ajuda dos quais o espaço vs. tempo é um deles. Nesse equilíbrio estão em jogo a dispersão de investimentos e a energia disponível para cada um deles. Quanto mais dispersa a pessoa está menos profundidade consegue ela emprestar ao seu investimento. Pelo contrário se a pessoa opta por investir toda a sua disponibilidade a numa curta área de interesse maior será a exploração da mesma.

(2) Esta experiência de formação decorreu no contexto do projecto “Aventura na Cidade” concebido e implementado pela associação ARISCO. Trata-se de um projecto de prevenção direccionado ao desenvolvimento de competências sociais com base num jogo de personagens.

(3) Na sua obra *Du Silence* David LeBreton cita Phillipe Breton que reflecte sobre os paradoxos introduzidos pela nova tecnologia da comunicação na nossa sociedade, tornando-a fortemente comunicante e fracamente *encontrante*. Assim se constroi uma comunicação onde o conteúdo da mensagem é frequentemente acessório, onde o importante é sobretudo manifestar a continuidade do mundo.

(4) A dinâmica de encurtamento de espaço resume-se a pedir aos jogadores para ocupar o máximo espaço possível dentro de um determinado perímetro de jogo. O jogo evolui com a redução progressiva do espaço e a continuidade do pedido de que seja ocupado por cada um o máximo espaço possível. Como variante o dinamizador pode alternar o máximo espaço com o mínimo espaço e explorar qual das duas situações é mais confortável. Pode ainda propor que o preenchimento máximo e mínimo seja uma tarefa de grupo e comparar como decorreu o jogo na variante individual e na colectiva e quais as diferenças no espaço ocupado.

(5) A intervenção a que me refiro foi resultado de uma intervenção da ARISCO, no bairro da Boavista no contexto do projecto PATO.

(6) Este autor refere-se no seu livro “Du silence” à fragilização progressiva dos laços sociais pelo efeito de erosão das novas tecnologias. Fala de relações de contacto, quando se refere à pregnância de uma comunicação, à distância baseada na troca

de mensagens ou contactos breves por telemóvel. Este modo de comunicação visaria atenuar a ansiedade que resulta do medo de perda e o contacto permanente permitiria tranquilizar-se quanto à manutenção da existência do outro e... de si próprio. (7) Já nos referimos anteriormente à obra de Jacques Limoges. O equilíbrio entre a prestação de ajuda e o ser objecto de ajuda é outro dos cinco equilíbrios. Nele está em jogo a humildade do interventor e a gestão adequada do poder dentro do processo de ajuda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação ARISCO (1999). Textos de Apoio à formação do Projecto “Aventura na Cidade”. Lisboa.

Augé, Marc (1998). *Não Lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Blanquart, Paul (1997). *Une histoire de la ville*. Paris: La Découverte/Poche.

Bovay, Martine (1998). *La relation d'entraide*. Texto não publicado.

Bovay, Martine (1995). *La violence à l'école*. Texto não publicado.

Calvino, Ítalo (1990). *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema.

Edward T. Hall (1966/86). *A Dimensão Oculta*. Relógio d'Água, Coleção Antropos.

Jean Chevalier et Alain Gheerbrant (1982). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.

Jordi Sebastia (1995). “Pensar a Cidade”. *Olhares*, II (2). Gabinete de Prevenção da Toxicoddependência da Câmara Municipal de Lisboa.

LeBreton, D. (1997). *Du Silence*. Paris: Éditions Métailié.

LeBreton, D. (1991). *Passions du Risque*. Paris: Éditions Métailié.

Sami-Ali (2002). *O Banal*. Lisboa: Dinalivro.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Lynch, Kevin (1998). *L'image de la cité*. Paris: Dunod.

Melo, Raul (1997). “Por uma perspectiva ecológica da prevenção”. Actas do III Encontro Internacional da ITACA;

Melo, Raul (2003). *Em torno da banalidade*. Comunicação apresentada no Funchal em Novembro de 2003.

Pelletier, Denis (2001). *Pour une approche orientante de l'école québécoise*. Québec: Septembre Éditeur, Collection Libre Cours.

Vários Autores (1995). “Pensar a Cidade”. *Olhares*, II (2). Gabinete de Prevenção da Toxicoddependência da Câmara Municipal de Lisboa.

Villar, Maria Belén (2001). *A Cidade Educadora*. Lisboa: Instituto Piaget.